UMA COMUNIDADE DE TRABALHO EM DIREÇÃO À ESCOLA DE LACAN

Eliane Schermann

Desde os anos de 1908/1910, Freud já apresentava uma preocupação constante: como garantir a permanência da psicanálise. Ele desejava que este novo modo de saber se estendesse para além de sua pessoa e se estendesse depois de sua morte. Em muitos momentos, ele verificava a necessidade da análise pessoal de seus adeptos até mesmo para que estes pudessem, pela própria experiência, dar provas da teoria tão arduamente construída. Talvez ele apostasse que, a partir da psicanálise como experiência, seus congêneres não tivessem se afastado de seus princípios básicos. Não lhe era suficiente aproximar a psicanálise à ciência para torná-la irrefutável. Muito embora tenha se debatido sobre esse aspecto constantemente, ele insistia sobre um ponto: a psicanálise é experiência e como tal deve ser levada a ser demonstrada em seu valor científico.

Lacan persiste sobre a necessidade de conduzir a psicanálise ao ponto de distingui-la do charlatanismo e das psicoterapias que a desviam de seus conceitos e princípios sobre o saber inconsciente. Para tanto, Lacan sempre se propôs ao retorno a Freud, na tentativa de se construir um saber sobre o que é um psicanalista. Percorrendo seus seminários, observamos que além de sua reconstrução teórica, o resgate do simbólico, o retorno aos princípios freudianos colocados entre 1922 e 1924, Lacan tinha sempre uma preocupação e uma indagação: o que faz um psicanalista? Qual seria sua formação suficiente e necessária? Ele mesmo responde. O analista tem como dever ético transformar algo que aponta para um impossível de dizer

em bem-dizer. Ele se refere àquilo que se desloca do não pára de não se escrever, definido como a insistência da cadeia em forçar a escrever a impossibilidade da relação sexual, até alcançar a negação na contingência do não pára de se escrever. Nada pode dizê-la, não há dentro do dizer, existência da relação sexual. Mas, ela insiste na necessidade de um dizer sobre o ponto de suspensão a que se agarra todo amor (Sem. XX, p. 199). No final de seu ensino, o amor visa funcionar como suplência à relação sexual inexistente, diferentemente do amor como uma das paixões do ser, amor de reciprocidade; do qual nem mesmo a pessoa do analista está isento, mas desta modalidade de amor deve estar advertido.

A relação entre os seres, entre os sujeitos, não é uma relação de harmonia. Ela vacila, rateia, no entanto recorremos ao amor que alcança abordá-la na contingência do encontro. Amamos aquele ao qual supomos um saber. Diferentemente do saber científico, que quer o universal e foraclui o sujeito em relação ao sexual presente no desejo, a experiência analítica é do um por um. O saber no lugar da verdade, efeito do discurso do analista também se sustenta no amor ao pai. Embora a psicanálise afirme o amor ao pai, coloca-lhe uma restrição: o pai que se ama é o pai morto, ou seja, o significante. Este que no discurso do analista ocupa o lugar de produto do discurso. Sobre o amor, Lacan o especifica, em seu seminário Mais Ainda, paradoxalmente como feminino, utilizando-se do termo "a verdadeira". Lembremos que se no sem. XX, ele afirma "a verdadeira amor" desembocar no ódio, ou seja, na dessuposição de saber, este caminha para além das paixões do ser, - amor, ódio, e ignorância. O analista é aquele que paga com sua pessoa, apagando-a das paixões do ser às quais também ele está sujeito. Supomos uma equivalência a 'uma verdadeira amor' a referência a um amor infinito, sem limites, por Lacan antes já abordado, no seminário 11: "o desejo do analista não é um desejo puro. É um desejo de obter a diferença absoluta, aquela que intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, à posição de se assujeitar a ele. Só aí pode surgir a significação de um amor sem limites, porque fora dos limites da lei, somente onde ele pode viver".

Em sua essência, a mulher é não toda, signo da exclusão do universal. Fora da lógica fálica, o feminino é inexistência. No lugar do feminino, lugar destituído do universo das palavras, fazemos equivaler aquilo que nos orienta: o desejo do analista. O saber a ele referido está no lugar de causa, o que é muito diferente do desejo de querer saber. Lá um saber de gozo, um saber no real funciona no lugar de causa. A psicanálise propõe-se a extrair do horror de saber aquilo que se contrapõe ao discurso do inconsciente para fazê-lo funcionar no lugar de causa de desejo.

Mais ainda, a apreensão do saber inconsciente não depende das paixões

do ser. Estas apenas guardam em seu cerne um sentido que é sempre sexual. Elas são signo de um nada querer saber disso, efeito do recalque, lugar que indica haver algo referido à economia de gozo. Sobre esta economia, nem as mulheres podem dizer muito, mas experimentam um gozo suplementar, assim como os místicos. Essa experiência silenciosa, mas ativamente funcionando desde um lugar de mais-de-gozar, insiste em um dizer.

O analista é uma experiência. Seu ato dá provas dessa experiência. Enquanto fato psíquico, o ato do analista apenas pode perseverar ao ser enunciado. Nessa direção, Lacan coloca o passe como prova da passagem de analisante à analista. O analista enquanto tal não tem existência corpórea, mas é aquele que faz agir um saber no lugar da verdade. Neste sentido podemos fazê-lo eqüivaler à mulher barrada. Se a mulher barrada não existe, mas apenas é uma experiência de um gozo a "amais", um gozo suplementar ao fálico, poderíamos aproximar o desejo do analista à A mulher barrada. "Há sempre alguma coisa na mulher que escapa ao discurso"(Sem.XX). Em ambos, o analista e a /A/ mulher se presentifica apenas uma experiência de um gozo animado, embora indizível, mas insistente em se fazer dizer.

Nessa direção, Lacan nos ensina pelos discursos fazer do gozo, laço social. No discurso do analista, o saber vem no lugar da verdade. Verdade esta do particular, cujo saber no real, - expressão enigmática lacaniana, mas amplamente explorada -, fala desde o lugar do Isso, o âmago do pulsional. Ele escreve: *Moi, la verité, je parle* - moi, em mim, se assim podemos traduzir, a verdade se faz enunciação de um saber indizível, no real, mas que insiste em se fazer dizer. Poderíamos traduzir o desejo do analista em um desejo de fazer da psicanálise uma experiência viva em razão da transmissão de uma ética do desejo, no qual o saber já estava lá. Nesse aspecto também podemos aproximar a psicanálise à ciência já que tanto o saber do psicanalista como o saber da ciência são transmissíveis.

Isso tudo é muito paradoxal se pensamos em como considerar e avaliar a constituição de uma comunidade de analistas. O princípio de dissolução proposto por Lacan aponta nessa direção ao nos colocarmos frente a esta questão: como o particular de um enigma subsumido por "um saber no real" pode passar por uma fenda e ser conhecido em uma cifra do simbólico e surtir efeitos em uma análise? Esta é a proposta do depoimento do passe: fazer de um relato calcado no real uma tradução simbólica. Ao dizer, apoiado em Hegel, que "o conceito é o tempo do objeto", Lacan acentua o que antes havia dito, no seminário sobre a Ética: a criação *ex-nihilo* somente se produz no simbólico. Ela tende à emergência duradoura de um novo símbolo emergindo sobre o fundo de vazio da Coisa. Aqui cabe a pergunta: um analista se cria ou se faz? Poderíamos fazer eqüivaler essa criação ao fazer-se analista?

Agora podemos colocar a questão: para que uma Escola? A Escola visa à garantia. Enquanto o AME eqüivaleria ao sintoma da Escola, como nos diz Lacan em um dos seus textos, o AE, eqüivale ao S(A barrado), significante da falta no Outro, que ele também faz eqüivaler à 'mulher não existe". Nesse sentido, jamais a Escola poderia ocupar o lugar do Outro da garantia. Mas sim o lugar de endereçamento daquilo que nela se deposita como saber, seja dos produtos dos cartéis, seja da clínica do passe, ou seja, do particular a ser endereçado à comunidade de analistas. A própria nomeação de um analista de escola faz furo no conjunto de um saber-todo ao expor sua particularidade clínica. A Escola somente existirá à medida que esse furo, uma inexistência-signo do feminino, marca do ex-sexo que não faz conjunto, pode dizer da verdade do inconsciente em seu semi-dizer e trazer avanços para a teoria. Então, a comunidade analítica de Escola seria o efeito da falta de garantia produzida pelo saber inconsciente. Será que poderíamos colocar dessa forma: o que se espera de uma Escola seria o endereçamento da clínica do um a um, sustentando-se no princípio de dissolução cujo lugar vazio promove a produção do saber, de um saber sempre renovado?